



**IGREJA EVANGÉLICA DA PAZ**

*Rua Silva Jardim, 503 Macuco – Santos – SP*  
*Cep 11015-021 – Telefone 0\*\*13 3232-4337*  
*www.iepaz.org.br – WhatsApp 13-98126-0055*  
e-mail: iepaz@terra.com.br

**Subsede de São Vicente: Rua Frei Gaspar, 3331 – Cidade Náutica**

**CURSO PANORAMA BÍBLICO I**  
**HISTÓRIA E TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO**

**1º Semestre de 2018**

**O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS**  
**O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO**  
**Prof. Pb. Wilson Luiz Oliveira Neto**

TEXTO BASE:

**Panorama do Novo Testamento,**

Robert H. Gundry, Edições Vida Nova, 4ª edição, 1987.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS ADICIONAIS:

**A Bíblia Anotada (ARA)**

Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991.

**Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,**

R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.

**Introdução ao Novo Testamento,**

D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, Edições Vida Nova, 1ª edição, 1997.

# O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

## ÍNDICE

O EVANGELHO DA CERTEZA HISTÓRICA.....	4
I – O AUTOR .....	4
II – O DESTINATÁRIO .....	5
III – A DATA.....	5
IV – O PANORAMA GERAL .....	5
<i>O Universalismo do Evangelho</i> .....	6
<i>A Oração na Vida de Jesus</i> .....	7
<i>A Obra do Espírito Santo</i> .....	8
CONCLUSÃO.....	8

# O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

## ÍNDICE

<b>O EVANGELHO DA FÉ EM JESUS PARA A VIDA ETERNA.....</b>	<b>9</b>
<b>I – AUTORIA .....</b>	<b>9</b>
<i>A Escola Joanina.....</i>	<i>11</i>
<i>O Estilo Literário.....</i>	<i>11</i>
<i>João, o Discípulo Amado .....</i>	<i>12</i>
<i>O Evangelho de João Suplementa os Sinópticos.....</i>	<i>12</i>
<b>II – A TEOLOGIA DE JOÃO .....</b>	<b>12</b>
<i>Jesus, um Salvador Universal e Eterno.....</i>	<i>13</i>
<i>Os Discursos de Jesus em João.....</i>	<i>13</i>
<i>A Palavra, A Verdade, Luz e Trevas.....</i>	<i>14</i>
<i>O Mundo .....</i>	<i>14</i>
<i>O Espírito Santo e a Trindade.....</i>	<i>14</i>
<i>Os Sete “Eu Sou” .....</i>	<i>14</i>
<i>Escatologia Realizada .....</i>	<i>15</i>
<i>Polêmica Anti-Batista.....</i>	<i>15</i>
<i>Polêmica Anti-Judaica .....</i>	<i>16</i>
<b>III - AS PARTICULARIDADES DO EVANGELHO DE JOÃO .....</b>	<b>16</b>
<i>O Logos de Deus.....</i>	<i>17</i>
<i>Relacionamento com a Carta aos Hebreus .....</i>	<i>17</i>
<i>Relacionamento com o Antigo Testamento .....</i>	<i>17</i>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>18</b>

# O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

## O EVANGELHO DA CERTEZA HISTÓRICA

O autor do terceiro evangelho começa com uma referência a narrativas prévias, sobre os primórdios do movimento cristão, baseadas em relatórios dos que haviam sido “*testemunhas oculares e ministros da palavra*” (1.1-2). Em seguida, ele refina o seu projeto, declarando-o “*uma exposição em ordem*” sobre aquela fidedigna tradição, além de esclarecer seu propósito, que é convencer seus leitores sobre a exatidão histórica das tradições cristãs (1.3-4).

O evangelho de Lucas é um documento histórico bem pesquisado e fundamentado.

Este livro preserva quatro belos cânticos: O *Magnificat* de Maria (1.46-55); o *Benedictus* de Zacarias (1.67-79); o *Gloria in Excelsis* dos Anjos (2.14) e o *Nunc Dimittis* de Simeão (2.29-32).

O estilo grego de Lucas, juntamente com o estilo da Epístola aos Hebreus, é o mais refinado de todo o Novo Testamento. As exceções aparecem quando ele segue fontes informativas semíticas, orais ou escritas, ou então quando adotava um estilo semítico grego, para que soasse como o grego “bíblico” da Septuaginta. Por outro lado, ambos os livros de autoria lucana começam com uma dedicatória formal, ao estilo literário greco-romano. Os únicos livros do Novo Testamento que assim fazem são Colossenses, onde Paulo chama Lucas de “médico amado” (Cl. 4.14), descrição essa confirmada pelo interesse acima do normal que Lucas demonstrou por enfermidades, mediante seu uso frequente de termos médicos, embora esse aspecto de sua redação possa estar sendo exagerada.

## I – O AUTOR

O Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos forçosamente saíram da pena de um mesmo autor, porquanto começam ambos com uma dedicatória a Teófilo, além de compartilharem interesses comuns e um só estilo de redação. Outrossim, o livro de Atos faz alusão ao primeiro livro (Atos 1.1). A autoria comum de Lucas nesses dois documentos é um fato óbvio e universalmente reconhecido, reforçada pelo fato de ter sido ele o único dos companheiros de viagem de Paulo, mencionado nas epístolas, que poderia haver escrito as chamadas seções “nós” do livro de Atos. Todas as demais personagens estão excluídas, por terem sido mencionadas na terceira pessoa no livro de Atos, ou devido à impossibilidade de harmonizar seus movimentos geográficos em consonância com as seções “nós” do livro de Atos. Isso significa que Lucas contribuiu com mais material para o volume do Novo Testamento do que qualquer outro autor, porque Lucas-Atos contém mais material que as treze cartas paulinas.

Lucas era amigo íntimo e companheiro de Paulo. Acompanhou o apóstolo na sua obra missionária, e esteve ao seu lado por ocasião do seu martírio. Nada se sabe de sua vida, nem de sua conversão, a não ser que ele não foi testemunha ocular da vida de Jesus, e também não há fatos definidos sobre seus últimos anos e sua morte. Ele provavelmente é o único autor gentio do Novo Testamento. Seu nome é de origem grega. Nas despedidas constantes em Colossenses 4.10-14, Paulo parece distingui-lo dos judeus, vinculando-o com os gentios. Sua facilidade no uso do idioma grego também sugere que ele era gentio (ou quando muito um judeu helenista), mais conhecedor do grego que a maioria aos judeus seria.

## II – DESTINATÁRIO

Lucas dedica sua obra a Teófilo, um alto oficial romano, provavelmente recém convertido ao Cristianismo, mas também pretendeu suprir um evangelho em ordem e completo para leitores gentios, sobretudo os interessados nas origens históricas do Cristianismo. Também queria esclarecer ao poder imperial romano que o Cristianismo não era uma seita subversiva, nem uma facção do Judaísmo, ao contrário, sua mensagem era dirigida a todos os povos. Também desejava apresentar um Salvador universal, um grande compassivo Médico, Mestre e Profeta, que viera para aliviar os sofrimentos humanos e salvar as almas dos homens.

## III – DATA

Uma data recuada para o terceiro evangelho, pouco depois da publicação do evangelho de Marcos, que Lucas utilizou como uma de suas fontes, é a mais aceita. Se Lucas escreveu seu evangelho antes do livro de Atos, conforme parece lógico, o evangelho, de igual maneira deve datar de algum tempo pouco anterior ao ano de 64 d.C. Porém alguns estudiosos creem que há evidências nesse evangelho de ter sido escrito após a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

O lugar da escrita pode ter sido Antioquia da Síria, Roma, Éfeso ou Corinto. Posto que Lucas visitou diversas testemunhas oculares, e fez muitas viagens, é possível que ele tenha escrito enquanto viajava, e posteriormente compilou e editou todo o material colhido. Pensando dessa maneira, e também considerando que Lucas permaneceu em companhia de Paulo, quando do encarceramento do apóstolo, Roma é indicada por muitos como o local da edição final.

## IV – PANORAMA GERAL

O evangelho de Lucas é o mais completo dos evangelhos sinópticos e o mais volumoso livro de todo o Novo Testamento. Nos primeiros dois capítulos, Lucas começa com um prólogo e com a narração do nascimento e de episódios da infância de Jesus. Seu batismo, genealogia e tentação aparecem em seguida (3.1—4.13); o ministério na Galiléia (paralelo a Marcos – 4.14—9.50); a última jornada a Jerusalém (9.51-19.27), e a semana da paixão, a crucificação, a ressurreição, o ministério pós-ressurreição e a ascensão (19.28-24.53).

A última viagem a Jerusalém é a mais distintiva contribuição de Lucas ao nosso conhecimento da carreira de Jesus. Naquela seção, ele apresenta o ministério de Jesus na Pereia, registra muitas das mais famosas parábolas e narrativas, que não aparecem em nenhum outro lugar: o bom samaritano, o rico insensato, o filho pródigo, o rico e Lázaro, o fariseu e o publicano, e dá ênfase à significação de Jerusalém como o alvo do ministério de Jesus. Mais tarde, no livro de Atos, vê-se que Jerusalém tornar-se-ia o centro de onde o testemunho cristão partiria para evangelizar ao mundo. A história da natividade, em Lucas, contém muita informação que não se encontra em Mateus, incluindo vários hinos e a narrativa do nascimento de João Batista. Finalmente, Lucas nos brinda com material bastante diferente dos outros evangelhos, no tocante à ressurreição de Cristo, e é o único evangelista que descreve a ascensão de Jesus. As informações exclusivas de Lucas foram obtidas das diferentes testemunhas oculares que ele entrevistou.

## ***O Universalismo do Evangelho***

Lucas mostra que o evangelho é universal, que Jesus derrubara a barreira entre judeus e gentios e inaugurara uma comunidade de âmbito mundial, na qual as antigas desigualdades entre escravos e libertos, homens e mulheres, não mais existem. Por estar se dirigindo aos gentios, Lucas não demonstra o interesse judaico, pelas profecias messiânicas cumpridas, com a intensidade que faz Mateus. Também modificou e explicou expressões peculiarmente judaicas, e alusões aos costumes judaicos, a fim de que seus leitores gentios pudessem compreender melhor o que lessem.

Há muitas indicações específicas desse universalismo, que inclui os povos gentílicos, quase todas ausentes nos demais evangelhos:

- Verifica-se um interesse especial em vincular episódios da carreira de Jesus a datas da história secular (1.5; 2.1 e 3.1-2);
- Jesus é *“luz para revelação aos gentios”* (2.32);
- A citação do trecho de Isaías 40 inclui as palavras *“e toda a carne verá a salvação de Deus”* (3.6);
- A genealogia de Jesus não remonta somente até Abraão (como em Mateus) mas até Adão, progenitor da raça humana inteira (3.23-38); — Jesus chamou atenção para o fato que Elias foi abrigado por uma viúva fenícia, não por uma israelita, e para o fato que Eliseu curou um leproso sírio (Naamã), não um leproso israelita (4.25-27).

Em comum com Mateus, Lucas inclui a Grande Comissão de evangelizar *“todas as nações”* (24.47 - comparar com Mateus 28.19-20), porém o universalismo que transparece no evangelho de Mateus parece ser restrito aos cristãos judeus. Já o universalismo de Lucas, é helenista e desconhece os estreitos limites judaicos. Lucas inclui não apenas os gentios em geral, mas também:

Os párias sociais:

- A mulher de vida imoral que veio ungir os pés de Jesus (7.36-50);
- Zaqueu, o publicano (19.1-10);
- O ladrão arrependido que morreu na cruz ao lado de Jesus (23.39-43);
- O filho pródigo (15.11-32);
- O publicano que se arrependeu (18.9-14);

Os samaritanos e os pobres:

- Tiago e João foram repreendidos por haverem querido chamar fogo do céu contra uma aldeia de samaritanos (9.51-56);
- O samaritano, em certa parábola, aparece de forma favorável (10.29-37);
- O único leproso, dentre outros nove, que voltou para agradecer a Jesus pela cura recebida, era um samaritano, tendo sido chamado *“este estrangeiro”* (17.11-19);
- Em Nazaré Jesus pregou as boas novas *“aos pobres”* (4.16-22);
- No Magnificat, Maria afirma que Deus *“exaltou os humildes, encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos”* (1.52-53);
- Na bem-aventurança acerca dos pobres, falta a qualificação *“de espírito”* que se vê em Mateus (comparar Lc. 6.20 com Mateus 5.3);

- Na bem-aventurança sobre os famintos falta a qualificação “*de justiça*”, que se vê em Mateus (comparar Lc. 6.21 com Mt. 5.6);
- Lucas equilibra as bem-aventuras concernentes ao pobres e famintos com os “ais” dirigidos aos ricos e satisfeitos (6.24-25).
- Lucas é o único evangelista a incluir as palavras de Jesus “*quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos... antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados e os cegos*” (14.12-13);
- Lucas é quem chama os fariseus de “*avarentos*” (16.14), e é igualmente quem nos expõe as parábolas do rico insensato (12.13-21), do gerente injusto que agiu com caridade (16.1-13), e do rico e Lázaro (16.19-31).

O universalismo de Lucas também se evidencia na especial atenção que ele dá às mulheres:

- Maria, Isabel e Ana, na narrativa da natividade (cap. 1 e 2);
- A viúva de Naim (7.11-17);
- As mulheres que sustentavam Jesus (8.1-3);
- A mulher imoral (7.36-50);
- Maria e Marta (10.38-42);
- A viúva pobre (21.1-4);
- As mulheres que lamentaram por Jesus (23.27-31);
- As mulheres que observaram a crucificação (23.49);
- As mulheres que desejaram embalsamar Jesus, acabaram por ser testemunhas do túmulo vazio, e deram a notícia sobre a ressurreição (23.55-24.11).

Portanto, Lucas apresenta Jesus como um Salvador cosmopolita, dotado de amplas simpatias, capaz de associar-se com toda espécie de gente, que tinha contato com fariseus e publicanos igualmente (7.36ss; 11.37ss; 14.1ss e 19.1-10) e que demonstrava preocupação com as vítimas de calamidades pessoais (7.11-17; 8.40-56 e 9.37-43). Nos pontos em que Mateus se concentra sobre Jesus e o reino, Lucas se concentra sobre Jesus e o povo comum.

### ***A Oração na Vida de Jesus***

Em numerosas oportunidades Jesus aparece como homem de oração: quando de Seu batismo (3.21), após ministrar às multidões (5.16), antes de escolher os doze (6.12), antes da confissão de Pedro e da predição de Sua própria morte e ressurreição (9.18), por ocasião de Sua transfiguração (9.28-29), ao retorna rem os setenta discípulos de sua missão (10.21), antes de ensinai os discípulos como orar (11.1), no Getsêmani (22.39-46), e por duas vezes estando cravado na Cruz (23.34,46). Quase todas essas alusões ao fato que Jesus orou são exclusivas do evangelho de Lucas. Somente Lucas registra duas parábolas de Jesus a respeito da oração (11.5-13 e 18.1-8), além de informar que Jesus havia orado especialmente em favor de Pedro (22.31-32).

## **A Obra do Espírito Santo**

Lucas destaca especialmente a obra do Espírito Santo:

- Ele revela que João Batista seria cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe (1.15).
- O Espírito Santo desceu sobre Maria, a fim de que, miraculosamente, ela viesse a dar à luz ao Filho de Deus (1.35);
- Quando Maria visitou Isabel, esta última foi cheia do Espírito Santo, exclamando: *“Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre”* (1.41-42);
- Quando João Batista nasceu e recebeu seu nome, seu pai, Zacarias, foi cheio do Espírito Santo e profetizou (1.67);
- O Espírito Santo repousava sobre Simeão, informou que ele contemplaria o Messias antes de sua morte, e o impulsionou a ir ao templo para ver o infante Jesus Cristo (2.25-27);
- Após ter recebido o Espírito Santo, por ocasião de Seu batismo, Jesus *“cheio do Espírito Santo”* e *“guiado pelo mesmo Espírito”*, foi levado ao deserto (4.1);
- Terminado seu período de tentação, Jesus retornou à Galileia *“no poder do Espírito”* (4.14);
- Quando da volta dos setenta discípulos, após sua bem sucedida missão, Jesus exultou *“no Espírito Santo”* (10.21);
- E antes de Sua ascensão, Jesus prometeu que o Espírito Santo viria revestir Seus discípulo de poder proveniente do alto (24.49);

O evangelho de Lucas (como também o livro de Atos) pulsa com a alegria do bom êxito, e com as emoções de um irresistível movimento da graça divina na história humana. Lucas escrevia pela suprema confiança do avanço inevitavelmente bem sucedido do evangelho inaugurado pelo "Senhor", designação favorita de Lucas, que ele aplicava a Jesus, levado avante por Seus discípulos, na energia do Espírito.

## **CONCLUSÃO**

O volume de informações que devemos a Lucas é notável. Lucas tem uma boa quantidade daquilo que poderíamos chamar de material de interesse humano, que nenhum dos outros evangelistas inclui, como as histórias da infância de Jesus e de João Batista. Temos a felicidade de Lucas ter incluído as parábolas do bom samaritano e do filho pródigo.

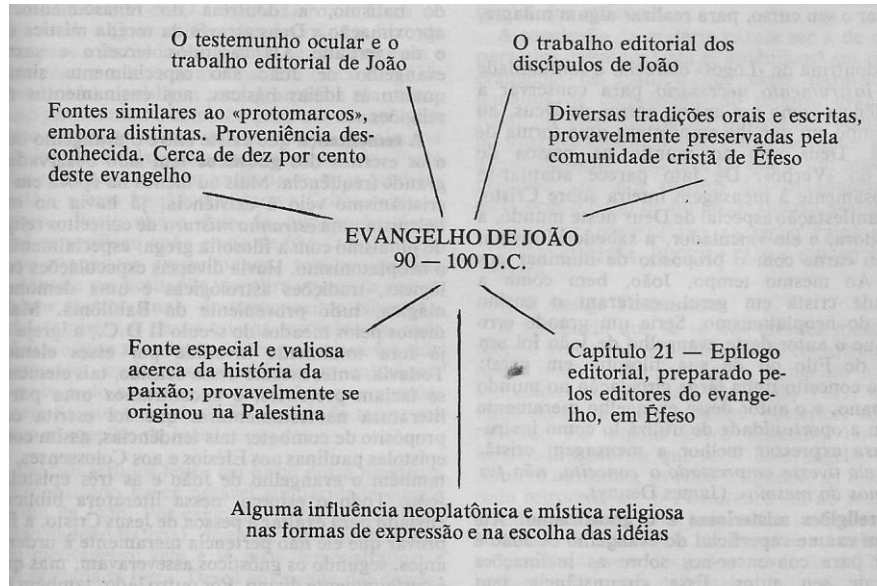
Não devemos, contudo nos concentrar em dados que ninguém mais inclui. Quando Lucas escreve sobre histórias encontradas nos outros evangelhos, ele tem sua própria maneira de contá-las.

Em sua abertura introdutória, eles nos diz que está escrevendo sobre *“fatos que se cumpriram”* (1.1), não simplesmente sobre coisas que aconteceram. Ele está interessado no propósito divino que opera nos acontecimentos que registra, e na maneira como esses eventos afetam o presente. Seu interesse teológico leva-o a ressaltar verdades que são de importância permanente na vida da igreja. Embora Lucas não desenvolva uma teologia da inspiração, nem indique como os escritos do Novo Testamento se relacionam com os do Antigo, o leitor de Lucas não fica com qualquer dúvida de que está diante de um repositório autêntico de verdades cristãs, que deve ser zelosamente guardado.



## O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

O material apresentado pelo Evangelho de João contém menos de dez por cento daquilo que é trazido pelos outros três evangelhos. É fato reconhecido, em todos os tempos, que ele difere dos demais por ter seus fundamentos em fontes informativas diferentes. O diagrama abaixo é sugerido sobre as fontes informativas que compõem o quarto evangelho:



### O EVANGELHO DA FÉ EM JESUS PARA A VIDA ETERNA

Acima de qualquer consideração, João é o evangelho da fé. O verbo crer é a palavra chave deste evangelho. Cristológica em seu conteúdo, essa fé salienta supremamente a *divindade* de Jesus, como o Filho de Deus único e preexistente, o qual, em obediência a Seu Pai, tornou-se um *ser humano real* a fim de morrer sacrificialmente, com vistas à redenção da humanidade. Por isso a ênfase na Sua divindade não nega Sua humanidade e Sua morte, conforme faziam os gnósticos, primitivos hereges cristãos, que pensavam que tudo quanto fosse material ou físico teria de ser inerentemente mal. Assim sendo, não somente a deidade de Jesus é destacada (a começar pela declaração “*o Verbo era Deus*” em 1.1 e muitas outras vezes), mas também há o realce da Sua humanidade: “*E o Verbo se fez carne*” (1.14) — Jesus se cansou e sentiu sede (4.6-7 e 19.28), chorou (11.35), morreu fisicamente e voltou à vida (19.30-42; 20.12,17,20,27,28).

### I - AUTORIA

Escrito em estilo simples, o último dos quatro evangelhos exibe uma profundidade teológica que ultrapassa a dos evangelhos sinópticos. As tradições da Igreja primitiva indicam que João, o apóstolo, filho de Zebedeu, escreveu o quarto evangelho no final do século I, em Éfeso, cidade da Ásia Menor. Testemunhos encontrados em lugares dispersos como a Ásia, Gália, Egito, África e Roma formam a tradição da igreja cristã sobre a autoria joanina: os prólogos antimarcionistas, o cânon muratoriano (documento de 170 d.C.), Teófilo no seu

tratado *Ad Autolyicum*, Irineu, Clemente de Alexandria e Tertuliano. Particularmente importante, quanto a isso, é o testemunho de Irineu, discípulo de Policarpo, que por sua vez fora discípulo do apóstolo João, ou seja, de acordo com a tradição cristã há uma linha direta de ligação Irineu→Policarpo→João.

No passado, alguns eruditos insistiram em que esse evangelho não teria sido escrito senão em meados do século II d.C., e isso significava que o apóstolo João não era o seu autor. Porém, o descobrimento do *Fragmento Rylands*, do evangelho de João, derrubou tal ponto de vista. Esse fragmento de papiro data de 135 d.C. aproximadamente, sendo certo que haviam passado várias décadas desde que fora escrito, pois já estava circulando há algum tempo no interior do Egito, onde o fragmento foi encontrado. Outros antiquíssimos papiros, contendo textos extraídos do evangelho de João, confirmam o que se conclui a partir do *Fragmento Rylands*.

Apesar disso, muitos eruditos ainda não estão convencidos que o apóstolo João escreveu o evangelho que traz o seu nome. Alegam que Papias (125 d.C.) mencionou que existia em Éfeso um outro ancião com o mesmo nome, discípulo do apóstolo, e mais tarde essas duas pessoas se confundiram. Entretanto, olhando com mais atenção o que Papias escreveu, vemos que ele muito provavelmente utilizou-se do termo “ancião” no sentido apostólico, portanto ele seria mais um antiquíssimo testemunho a favor da autoria pelo apóstolo João:

*“Se, pois, chegasse alguém que fora seguidor dos anciãos, eu o interrogaria sobre as palavras dos anciãos — que dissera André ou Pedro, ou que fora dito por Filipe, por Tomé, por Tiago, por João, por Mateus, ou por qualquer outro dos discípulos do Senhor, e quais coisas dizem Aristiom e o ancião João, discípulo do Senhor” - Papias citado por Eusébio em História Eclesiástica III.39.4.*

Ambas as vezes que o nome de João aparece na afirmativa de Papias, encontramos as designações “ancião” e “discípulo” diferente de Aristiom, que embora seja designado discípulo, não recebe o título de “ancião” ao ser mencionado. Esse fato frisa um único indivíduo chamado João. Papias queria deixar clara a identificação de um único João, ao reiterar a designação “ancião”, que acabara de usar em relação aos apóstolos, mas que omite em relação a Aristiom. Papias menciona João pela *segunda* vez porque ele era o único dos apóstolos ainda vivo e que continuava pregando. Eusébio queria achar outro autor para o livro de Apocalipse, que ele não apreciava, então interpretou que Papias se referia a dois homens diferentes de nome João, e chegou a falar de uma tradição acerca de dois homens de nome João, com diferentes sepulcros em Éfeso.

O autor do quarto evangelho reivindica o privilégio de ter sido testemunha ocular do ministério de Jesus (Jo. 1.4, comparar com 19.35 e 21.24-25), além de demonstrar um estilo semítico em sua redação e conhecer muito bem os costumes e ideias judaicos:

- Elias viria antes do aparecimento do Messias (Jo. 1.21);
- Assentar-se sob uma figueira (Jo. 1.49);
- Encher talhas de água para usar nas cerimônias de purificação (Jo. 2.6);
- Era errado um rabino dirigir-se a uma mulher (Jo. 4.2);
- As ideias dos judeus sobre o Messias (cap. 7);
- As enfermidades eram resultado de pecados (Jo. 9.2);

- Lavar as mãos antes das refeições (Jo. 13.4);
- Um judeu era contaminado se entrasse na casa de um gentio (Jo. 18.29);
- Embalsamar os mortos (Jo. 19.40)

O autor também conhecia bem a topografia de Jerusalém antes do holocausto de 70 d.C.:

- A fonte com os cinco pórticos, nas proximidades da Porta das Ovelhas (5.2);
- A área pavimentada que havia do lado de fora do Pátio (19.13), ambas confirmadas por descobertas arqueológicas recentes.

João traz detalhes que só poderiam ser esperados de uma testemunha ocular:

- números (*seis* talhas para água, 2.6; *três ou quatro* milhas 5.19; *cem jardas* (duzentos côvados) 21.8, *cento e cinquenta e três* peixes 21.11);
- nomes (Natanael 1.45ss.; Nicodemos 3.1ss.; Lázaro 11.1ss.; Malco 18.10 etc.).

O autor deste evangelho era um homem judeu, profundamente religioso, místico por natureza, que mantinha uma comunicação real com o Cristo sobre o qual escreveu. Apesar do retrato falado que João faz de Cristo ser radicalmente diferente dos evangelhos sinópticos, é óbvio que ele acreditava que esse Cristo transcendental era o Jesus histórico. Esses pontos são pacíficos nas discussões sobre a autoria do quarto evangelho.

### ***A Escola Joanina***

Um discípulo de João, ou um grupo de discípulos, também judeus palestinos radicados há muitos anos em Éfeso, e associados de alguma forma ao grupo de seguidores de Jesus, pode ter escrito este evangelho sob supervisão do apóstolo. Seriam pessoas fluentes no grego *koiné*, (alguns estudiosos sugerem um *escriva*) e são os responsáveis pela redação final do texto, que teve como base os registros escritos de João e seus ensinamentos orais, portanto são pessoas que mantiveram seu vínculo com o apóstolo com o passar dos anos. Assim como o apóstolo amado, esse grupo também deve ter tido alguma ligação com os essênios.

Entretanto, mesmo que este livro não tenha saído da pena de João, há uma indiscutível uniformidade de pensamento e a autoridade apostólica deste evangelho nunca foi questionada. Tudo indica que o próprio João solicitou e acompanhou a “revisão” do seu texto original, portanto nada foi feito sem a supervisão do apóstolo, e não podemos esquecer o fato fundamental que o Espírito Santo é o verdadeiro autor da Escritura Sagrada.

A riqueza de detalhes encontrada no texto indica que esse relato só poderia ter sido feito por uma testemunha ocular, no caso o apóstolo João. O capítulo 21 teria sido escrito pelos editores finais especificamente como defesa da autenticidade apostólica do conteúdo do livro. Essa conclusão é praticamente unânime entre os estudiosos pesquisadores.

### ***O Estilo Literário***

João escreveu em grego puro, gramaticalmente falando, porém expressa suas ideias num molde tipicamente judaico. Como exemplo vejamos as expressões:

- “*Regozijar-se de alegria*” (Jo. 17.12);
- “*Estar em*” ou “*permanecer em*” (Jo. 14.17, 15.14 e IJo. 2.6);
- “*Filho da perdição*” (Jo. 3.29).

Alguns estudiosos destacam o fato de que as citações feitas por João do Antigo Testamento foram extraídas do hebraico e não da Septuaginta, reforçando que o autor tinha mais intimidade com a cultura judaica e nem tanto com a cultura grega.

A linguagem deste evangelho também demonstra que o autor não era um judeu da dispersão, mas sim alguém natural da Palestina, que viveu muitos anos num grande centro de cultura grega — como Éfeso, cidade para a qual a tradição cristã aponta os últimos anos da vida do apóstolo — por isso estava familiarizado também com a cultura e os costumes gregos.

### ***João, o Discípulo Amado***

Outrossim, o autor escreve como “*aquele a quem Jesus amava*”, não movido pelo egoísmo — porquanto nunca se identifica por seu próprio nome — mas a fim de ressaltar que o conteúdo do evangelho merece crença, porquanto provem de alguém em quem Jesus confiava. Acresça-se a isso que o discípulo amado repetidas vezes aparece em associação com Pedro (13.23-24; 20.2-10; 21.2,7,20ss.). Os evangelistas sinópticos informam que Tiago e João eram filhos de Zebedeu, que trabalhavam como pescadores juntamente com Pedro, e que com ele formaram o círculo íntimo de Jesus. Visto que desde há muito Tiago morrera como mártir (At. 12.1-5), e visto que Pedro figura como uma pessoa diferente do discípulo amado, resta-nos somente João para ser o discípulo amado e autor do quarto evangelho, pois se alguma outra pessoa, que não o *discípulo amado*, escreveu o quarto evangelho, por que não vinculou o nome de João ao “*discípulo a quem Jesus amava*”? O anonimato do discípulo amado dificilmente pode ser explicado, a menos que ele mesmo tivesse sido autor deste evangelho, e o processo de eliminação identifica o autor com o apóstolo João.

### ***O Evangelho de João Suplementa os Sinópticos***

Evidentemente João era da opinião que os evangelistas sinópticos já haviam apresentado informações suficientes sobre o ministério na Galileia e sobre o reino. João então suplementa os evangelhos sinópticos, esclarecendo que o ministério público de Jesus durou por consideravelmente mais tempo do que a leitura isolada dos evangelhos sinópticos nos leva a crer. Não se preocupando em dar uma cronologia completa da vida de Jesus, os evangelistas sinópticos mencionam somente a última Páscoa, quando Jesus morreu. Mas João faz-nos saber que houve pelo menos três, e talvez até quatro Páscoas, durante a carreira pública de Jesus, que se prolongou pelo menos pelo espaço de mais de dois anos, muito provavelmente de três a três anos e meio.

## **II – A TEOLOGIA DE JOÃO**

João proporciona uma visão mais profunda de determinados temas. Essa é uma das principais razões por que seu vocabulário é relativamente pequeno, com a repetição de palavras e expressões indicando as coisas que são importantes para ele. Por exemplo, o verbo “*crer*” aparece 98 vezes; as palavras relacionadas com “*amor*” 57 vezes; “*mondo*” 78 vezes; os verbos com o sentido de “*enviar*” 60 vezes; “*Pai*” 137 vezes (a maioria com referência a Deus). Por mais enganoso que seja abordar a teologia de um autor mediante estudos do seu vocabulário, no caso de João esses estudos constituem um importante acesso à sua teologia.

Percorrendo todo o quarto evangelho, muitos importantes temas teológicos aparecem e reaparecem, em diferentes combinações, algumas vezes figurando novamente em I e III João e no Apocalipse. João expõe esses temas mediante uma habilidosa alternância de narrativas e discursos, de tal maneira que as palavras de Jesus ressaltam o sentido mais interior de Suas obras. Portanto, grande porção das ações constantes nesse evangelho se reveste de papel simbólico. Por exemplo, a lavagem dos pés dos discípulos, por parte de Jesus, representa o efeito purificador de Sua obra redentora. Também se nota um frequente toque irônico, como aquele da pergunta feita por Jesus: *“Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais?”* (10.32). Tal como os atos de Jesus envolvem um significado simbólico, assim também as Suas palavras com frequência encerram um segundo e até mesmo um terceiro significado. *“Nascer de novo”* também significa *“nascer do alto”* (3.3ss.) e a referência ao fato que Jesus seria *“levantado”* salienta não só o método de Sua execução, mas também a Sua ressurreição e exaltação de volta aos céus (12.20-36, especialmente 32).

### ***Jesus, um Salvador Universal e Eterno***

Para João, o Salvador do mundo não poderia estar confinado dentro dos estreitos limites da Palestina do século I, ou mesmo do mundo greco-romano daquela época, nem meramente restrito aos limites da vida terrena, por ser ele o Salvador eterno de todos aqueles que o têm conhecido e amado, isso se estende a todos os séculos e até a própria eternidade.

### ***Os Discursos de Jesus em João***

Com a exceção possível de Mateus, o quarto evangelho contém os discursos mais longos feitos por Jesus. Esses discursos tendem a eliminar porções históricas. Perguntas e objeções, feitas pelos ouvintes de Jesus, com frequência pontuam os discursos, e João, de maneira regular, apresenta-nos um Cristo que falava em estilo bastante diferente daquele que os evangelistas sinópticos nos dão a entender. Essas diferenças se originam em parte da própria maneira pela qual João traduzia para o grego aquilo que originalmente fora dito em aramaico e hebraico, e em parte pelo próprio hábito que João tinha de parafrasear, resultando que o vocabulário e o estilo do próprio evangelista com frequência aparecem no seu registro sobre os ensinamentos de Jesus. Nos evangelhos sinópticos, a tradução evidentemente é mais literal e as paráfrases são menos extensas. Muitas vezes, uma tradução frouxa e a paráfrase podem transmitir melhor a intenção do orador do que as citações diretas, por isso o modo de proceder joanino não é ilegítimo sob hipótese alguma. Por outro lado, não devemos superestimar o grau de paráfrases e de traduções oscilantes feitas por João, porquanto as duas famosas passagens paralelas que existem em Mateus 11.25-27 e Lucas 10.21-22 provam que Jesus podia falar e realmente falou no estilo que encontramos no quarto evangelho. Destacam-se proeminentemente nessas passagens os temas do relacionamento entre o Pai e o Filho, da ênfase acerca da revelação divina, do conhecimento e da eleição — tudo o que é perfeitamente típico do evangelho de João. Também é possível que João tivesse preservado os aspectos mais formais do ensinamento de Jesus, a saber, Seus sermões nas sinagogas e Suas disputas com os teólogos judeus.

## ***A Palavra, A Verdade, Luz e Trevas***

Os temas teológicos joaninos começam sob a categoria de revelação. Jesus é a Palavra (ou Logos) reveladora de Deus. Nesse papel, ele revela a verdade, a qual é mais que mera veracidade. Trata-se da realidade última da própria pessoa e do caráter de Deus, conforme *testemunhado* por Jesus, pelo próprio Pai, pelo Espírito Santo, pelas Escrituras e por outros. Ele é a luz que desse modo ilumina aqueles que creem e que dissipa as trevas do mal. A dissipação das *trevas* é o *juízo* do mundo. Não que Jesus tivesse vindo a fim de condenar ao mundo, mas porque Ele veio para discriminar entre aqueles que pertencem à *luz* e aqueles que pertencem às *trevas* — e estes últimos já estão condenados por si mesmos, devido à sua incredulidade.

## ***O Mundo***

O *mundo*, a sociedade humana controlada por Satanás, faz oposição à *luz*, e por isso torna-se objeto da ira divina. Isso torna ainda mais admirável o fato que Deus “*amou o mundo*” (3.16). O *amor* de Deus veio por meio de Jesus Cristo e continua a manifestar-se através do amor que os discípulos de Jesus têm uns pelos outros. A fim de exibir o amor divino, Jesus desceu da parte do Pai e procurou chegar à Sua “*hora*”, o tempo de Seu sofrimento e morte em favor do mundo. Com o intuito de revelar a *glória* do Pai desse modo, o Pai, por Sua vez, glorificou o Filho mediante a exaltação celestial. Por meio de *eleição* e da *fé* (João permite que permaneça de pé a antinomia entre a escolha divina e a resposta favorável humana), alguns homens experimentam a *regeneração* do Espírito Santo, pelo que chegam ao *conhecimento* salvador de Deus por intermédio de Cristo. Porém, apesar do fato que a eleição e a fé real caracterizem apenas a alguns indivíduos, o convite é caracterizado pela *universalidade*. Aqueles que aceitam tal convite recebem a *vida eterna* (não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente divina), um lugar *permanente* em Cristo, e o *Paracleto*, ou Espírito Santo, em Seu papel variado de Consolador, Conselheiro e Advogado. Tudo isso, entretanto, é perfurar apenas a casca superficial da teologia joanina. Cada um desses temas conta com nuances que não estão aqui mencionadas.

## ***O Espírito Santo e a Trindade***

Conquanto o ensino de João sobre o Espírito Santo tenha semelhanças importantes com ênfases sinóticas (Jo. 3.34 e Lc. 4.14-21), existem numerosos elementos que lhe são peculiares. Jesus não somente traz e outorga o Espírito, mas ao legar o Espírito escatológico se desincumbe da tarefa de trazer aquilo que é característico segundo a nova aliança (3.5; 7.37-39). No discurso de despedida (Jo 14—16), o Espírito, o Consolador, claramente é outorgado como consequência da morte e exaltação de Jesus. Os elementos daquilo que veio a ser chamado “Doutrina da Trindade” estão claramente expressos no evangelho de João.

## ***Os Sete “Eu Sou”***

Notemos o quádruplo retrato que os evangelhos nos oferecem de Jesus: o real Messias judeu, em Mateus; o divino Servo trabalhador, em Marcos; o simpatizante Salvador, em Lucas; o Filho encarnado de Deus, em João. O próprio Jesus exigiu essa fé cristológica, ao apresentar

uma série de reivindicações pessoais, utilizando-se da expressão “*Eu sou*”, no quarto evangelho:

“*Eu sou o pão da vida*” (6.35,48).

“*Eu sou a luz do mundo*” (8.12)

“*Eu sou a porta*” (10.7-9).

“*Eu sou o bom pastor*” (10.11-14).

“*Eu sou a ressurreição e a vida*” (11.25)

“*Eu sou o caminho, e a verdade e a vida*” (14.6)

“*Eu sou a videira verdadeira*” (15.1-5)

### ***Escatologia Realizada***

Além dessas reivindicações, há aquelas declarações que envolvem a expressão “*Eu sou*”, não seguidas por qualquer complemento, que sugerem a reivindicação de ser Ele o eterno EU SOU - Jeová do Antigo Testamento (4.25-26; 8.24,28,58; 13.19 comparar com 6.20; 7.34-36; 14.3; 17.24 e Êxodo 3.13ss).

A ênfase distintiva que João dá à escatologia está ligada ao uso que faz do tema da “hora” (às vezes traduzido por “tempo”). Todos os importantes escritores do Novo Testamento demonstram, em suas respectivas obras, a tensão de tentar simultaneamente (1) expressar a maravilhosa verdade que no ministério de Jesus (morte, ressurreição e exaltação) os “últimos dias” prometidos por Deus já chegaram e (2) insistir em que a plenitude da esperança ainda há de chegar. Autores diferentes revelam a tensão de diferentes maneiras: Em João “*vem a hora, e já chegou*” (4.23; 5.25); Jesus legou sua paz, mas neste mundo teremos problemas (16.33). Acima de tudo, no rastro da exaltação de Jesus e de sua dádiva do Espírito, podemos possuir a vida eterna agora mesmo, isso é característico de João, que inclina sua ênfase para o desfrutar das bênçãos escatológicas no tempo *presente*. Mas isso jamais acontece às custas de toda esperança futura: está chegando o tempo em que aqueles que estão nos túmulos sairão para enfrentar o julgamento daquele a quem todo julgamento foi confiado pelo Pai (5.28-30). Se, de um lado, João afirma que mesmo agora Jesus se faz presente entre seus seguidores, na pessoa de seu Espírito (14.23), de outro também insiste que o próprio Jesus há de voltar para reunir os seus na morada que lhes preparou (14.1-3).

### ***Polêmica Anti-Batista***

É possível que um propósito secundário de João fosse a correção das ideias de um culto que se desenvolvera em torno da figura de João Batista. Atos 19.1-7 demonstra que continuava havendo seguidores de João Batista, em Éfeso, nos dias de Paulo. Outrossim, João empenha grandes esforços para mostrar que Jesus é superior a João Batista, que este precisava diminuir e Jesus crescer, que através de Seus discípulos Jesus batizava mais seguidores do que João Batista, e que o testemunho de Jesus era superior ao de João Batista (1.15-37; 3.25-30; 4.1-2; 5.33-40). Esses fenômenos podem apenas refletir as próprias experiências do apóstolo João, que deixou de seguir o Batista e tornou-se discípulo Jesus.

### **Polêmica Anti-Judaica**

É improvável que João tenha escrito o seu evangelho como uma polêmica contra o Judaísmo, pois apesar dos judeus incrédulos figurarem ali como maus caracteres, devido à sua incredulidade, o “mundo” como um todo também figura assim (15.18-19). Durante a última porção do primeiro século cristão, os judeus incorporaram na liturgia de suas sinagogas a “*bênção contra os hereges*”, a fim de desarraigar todos os judeus cristãos que porventura ainda participassem dos cultos nas sinagogas. Alguns têm imaginado que tal bênção motivou João a escrever este evangelho para encorajar os judeus cristãos, a fim de suportarem seu banimento da sinagoga. Porém, embora a *bênção contra os hereges* possa ser salientada em trechos como 9.22 e 16.2, que mencionam o fato que os discípulos Jesus seriam expulsos das sinagogas, a verdade é que o quarto evangelho, em contraste com os livros de Mateus, Hebreus e Tiago, não dá a impressão de ter sido escrito para uma audiência tão limitada que incluísse somente cristãos judeus. Não predominam ali as características judaicas típicas, e aquelas que porventura aparecem se originam meramente do meio ambiente judaico da vida de Jesus, e não por causa de uma ênfase deliberada.

De outra parte, não há qualquer omissão consciente de caracteres judaicos da carreira de Jesus. Portanto, devemos rejeitar a hipótese de que o quarto evangelho representa um retrato helenista de Jesus, no qual Ele desempenhou o papel de um homem divino, em contraste com o retrato histórico e realista que O apresenta como um profeta escatológico. A bem da verdade, a deidade de Jesus aparece com clareza, e desde o princípio, nos evangelhos sinópticos. Outrossim, os papiros do Mar Morto têm demonstrado que o vocabulário religioso do evangelho de João é característico do Judaísmo do primeiro século.

### **III – AS PARTICULARIDADES DO EVANGELHO DE JOÃO**

“*Os seus não o receberam*” — o sombrio pano de fundo do evangelho consiste das reiteradas rejeições de Jesus por parte dos judeus: quando Ele purificou o templo (capítulo 2); depois que Ele curou o paralítico (capítulo 5); após ter Ele multiplicado os pães para os cinco mil homens (capítulo 6); quando Seus meio-irmãos procuraram tratá-Lo com sarcasmo (capítulo 7); quando Ele se fez presente na festa dos Tabernáculos (capítulo 7); quando Ele afirmou ser a luz do mundo (capítulo 8); quando Ele asseverou a Sua unidade com Deus Pai (capítulo 10); e depois de haver ressuscitado Lázaro (capítulo 11).

“*Mas, a todos quantos o receberam*” — em contraste com a rejeição geral dos judeus, alguns indivíduos acolheram Jesus mediante o encontro pessoal com Ele: André, João (cujo nome não figura no texto), Pedro, Filipe, Natanael (capítulo 1); Nicodemos (capítulo 3); a mulher samaritana (capítulo 4); o cego de nascença (capítulo 9); Maria e Marta (capítulo 11); os onze, no cenáculo (capítulos 13-16) e Maria Madalena (capítulo 20).

“*Deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus*” — João descreve pormenorizadamente certo número de milagres realizados por Jesus, mas os intitula “sinais”, devido ao valor que têm como símbolos do poder transformador da fé em Jesus: a transformação da água em vinho ilustra a passagem do ritualismo judaico para a superior realidade do evangelho (capítulo 2); a cura do filho do nobre aponta para a transformação que nos tira da enfermidade para um vigor espiritual (capítulo 4); a cura do paralítico, da impotência para a força (capítulo 5); a



multiplicação de pães para os cinco mil, da penúria para a plenitude (capítulo 6); o caminhar sobre as águas, do temor para o senso de segurança (capítulo 6); a devolução da vista a um cego, das trevas para a luz (capítulo 9); a ressurreição de Lázaro, da morte para a vida (capítulo 11); e a pesca miraculosa, do fracasso para um sucesso quase incontrolável (capítulo 21).

Todas essas três linhas de pensamento convergem para a narrativa da paixão: “*Os seus não o receberam*” — o julgamento e a crucificação; “*mas, a todos quantos o receberam*” — as três Marias e o discípulo amado, de pé ao lado da Cruz; “*deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus*” — o poder transformador da ressurreição de Cristo.

### ***O Logus de Deus***

Filo era um filósofo neoplatônico que se referiu ocasionalmente ao *logus* de maneira impessoal, como se fora a força inteligente do mundo, a força criativa, a inteligência divina. Em outros momentos se referiu ao *logus* pessoalmente, como se ele fora “o anjo do Senhor”. João personalizou ainda mais o conceito, fazendo do *logus* (o Verbo ou Palavra), o Messias do AT, o Cristo transcendental, o Filho de Deus encarnado na forma de Jesus de Nazaré. Nos escritos de Filo o *logus* é aquele que revela Deus, como é dito sobre Jesus Cristo no NT.

### ***Relacionamento com a Carta aos Hebreus***

Sem considerar se João havia lido ou não as cartas de Paulo, e a Carta aos Hebreus, é certo que já havia uma cristologia bem definida quando este evangelho foi escrito. Apesar de não haver o uso da palavra *logus* essa doutrina já era ensinada, portanto João sem dúvida reflete a explicação que vinha sendo dada pela igreja quanto ao significado da vida de Jesus Cristo: Ele era um personagem cósmico, preexistente, divino, mediador da salvação e elo de ligação entre Deus e os homens (II Co. 8.7-9, Ef. 1, Fp. 2.1-11, Cl. 1, Cl. 2).

Hebreus 1 desenvolve uma cristologia notavelmente similar a de João 1, o que mostra que a doutrina do *logus* já estava plenamente estabelecida na igreja e João apenas ampliou os termos que expressam esse conceito, chamando o Cristo transcendental e preexistente pelo título *Verbo de Deus*.

### ***Relacionamento com o Antigo Testamento***

Embora João não cite o Antigo Testamento com tanta frequência como Mateus, o uso que ele faz do Antigo Testamento caracteriza-se por um número extraordinário de alusões e, acima de tudo, por sua insistência que, em certos aspectos, Jesus assume o lugar de personagens e instituições reverenciadas da antiga aliança (templo, videira, tabernáculo, serpente, páscoa). Em quase todos os capítulos deste evangelho há alguma referência, ou citação, direta ou indireta ao AT. Alguns exemplos:

Jo. 1.23	→	Is. 40.3
Jo. 1.29	→	Êx. 12.3, Is. 53.7
Jo. 1.51	→	Gn. 28.12
Jo. 2.17	→	Sl. 69.9
Jo. 6.31	→	Êx. 16.15, Ne. 9.15, Sl. 55.1, Sl. 78.24-25

Jo. 7.38	→	Is. 12.3
Jo. 7.42	→	Sl. 89.3-4, Mq. 5.2
Jo. 8.17	→	Dt. 17.6 e 19.15
Jo. 10.34	→	Sl. 82.6, Sl. 110.4, Is. 9.7, Ez. 37.25, Dn. 7.14
Jo. 12.38	→	Is. 53.1
Jo. 12.39-40	→	Is. 6.10
Jo. 13.18	→	Sl. 41.9
Jo. 15.6	→	Sl. 80.15-16
Jo. 15.25	→	Sl. 35.19 e 69.4
Jo. 19.24	→	Sl. 22.18
Jo. 19.28-29	→	Sl. 69.21
Jo. 19.36	→	Êx. 12.46, Nm. 9.12
Jo. 19.37	→	Zc. 12.10

## CONCLUSÃO

A apresentação que João faz de quem é Jesus distingue este evangelho dos demais. Não é simplesmente uma questão de realçar títulos cristológicos (Cordeiro de Deus, Verbo, Eu Sou), mas fundamentalmente enfatizar o Filho de Deus, ou simplesmente o Filho. Conquanto “Filho de Deus” possa servir de sinônimo aproximado de “Messias”, o título é enriquecido pelo relacionamento ímpar que Jesus, como Filho de Deus, tem com seu Pai: do ponto de vista funcional ele está subordinado Pai e faz e diz somente aquilo que o Pai lhe dá para fazer e dizer, mas ele faz *tudo* que o Pai faz, pois o Pai lhe mostra tudo o que ele próprio faz (5.19ss.). A perfeição da obediência de Jesus e a natureza incondicional de sua dependência tornam-se, portanto, as esferas em que Jesus revela nada menos do que as palavras e as obras de Deus.

Apesar da forte ênfase em Jesus como aquele que revela o seu Pai, a salvação não vem (como no gnosticismo) meramente por intermédio da revelação. A obra de João é um evangelho: todo o andamento da trama é em direção à cruz e à ressurreição. A cruz não é um simples momento revelador: é a morte do pastor por suas ovelhas (Jo. 10), o sacrifício de uma pessoa por sua nação (Jo. 11), a vida que é dada em favor do mundo (Jo. 6), a vitória do Cordeiro de Deus 1) o triunfo do Filho obediente que, como consequência, entrega como legado sua vida, sua paz, sua alegria, seu Espírito (Jo. 14—16).

### Bibliografia:

A Bíblia Anotada (ARA), Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991.  
 Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.  
 Introdução ao Novo Testamento, D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, Edições Vida Nova, 1ª edição, 1997.  
 Panorama do Novo Testamento, Robert H. Gundry, Edições Vida Nova, 4ª edição, 1987.